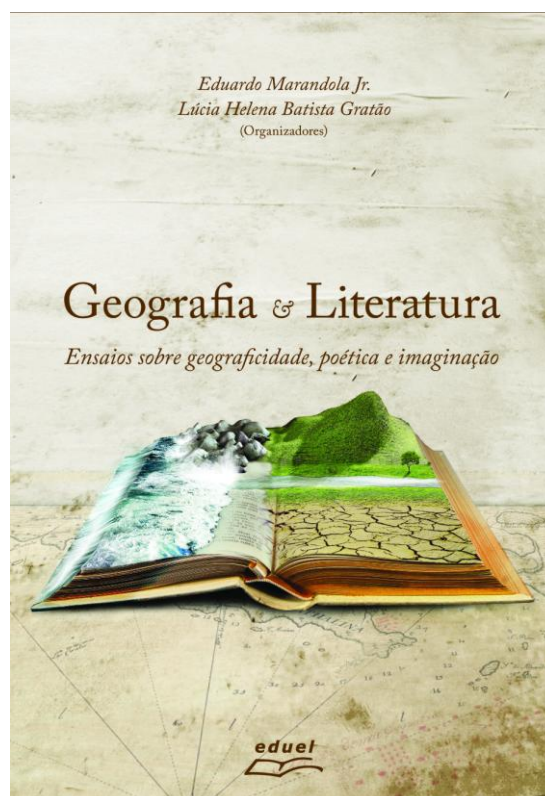


RESENHA

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.



Robinson Santos Pinheiro

Doutorando em Geografia pelo IESA/UFG
Câmpus Samambaia (Câmpus II). Caixa Postal: 131. Goiânia, GO.
E-mail: robinson22pinheiro@yahoo.com.br

Brosseau (2007)¹ argumenta que desde o início do século 20 há a busca do diálogo com obras literárias no pensamento geográfico. Contudo, dentro da forma hegemônica de se fazer ciência geográfica, institucionalizada no século 19, estas análises foram secundarizados; orientados nas margens “discursivas institucional”. Nas décadas de 70, 80 e 90, segundo Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão (p. 8 – obra *resenhada*), esta Geografia sempre praticada e pouco difundida (como apreciada) ganha destaque com os estudos humanistas e com os renovados estudos culturais da década de 1990. Estas pesquisas estavam permeadas pela busca do entendimento do ser com o/ no sistema-mundo.

Como referência da ascensão e das possibilidades de teorizar sobre a relação entre a geografia e a literatura, o livro *Geografia e literatura: ensaios sobre*

geograficidade, poética e imaginação, organizado por Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão (2010), se apresenta. Nele o leitor terá a possibilidade de “passear” entre os diversos estilos literários (literatura das viagens, romance, poesia, literatura de cordel, novela e contos), tal como entrar em contato com inúmeras possibilidades de dialogar (operacionalização dos conceitos geográficos) com as tramas literárias. O que facilmente se perceberá é que o pesquisador/leitor, ao realizar o diálogo, irá desenvolver sua consistência discursiva a partir de bases teóricas, ideológicas, filosóficas etc. diversas; buscando, com isso, o entendimento das condições de (re)estruturação que o sistema-mundo, em determinado lugar e espaço, (i)materializa, como compreender partes dos processos de (re)significação espacial suscitada pelo enunciador do discurso literário.

A diversidade de perspectivas analíticas como de temas a serem abordados podem ser percebidas no sumário do livro resenhado. Os organizadores dividiram o livro em quatro partes: I – Viagens telúricas e geográficas; II - Repisando o Sertão; III – Territorialidades e espacialidades; e IV – As tramas da Cidade.

Na primeira parte, temos três textos que exemplificam a temática suscitada. O primeiro é o texto de Livia de Oliveira, **O Duende de Granada: visão telúrica e geográfica do lirismo dramático de Garcia Lorca**. Aqui a autora procura associar a “intimada” relação de Garcia Lorca com a espacialidade vivenciada: “Foi nessas paisagens de Andaluzia que Federico Garcia Lorca viveu, andou, amou e cantou em prosa e verso” (OLIVEIRA, p. 25). Para associar o literato analisado com a espacialidade vivida, aponta aspectos da formação histórica e espacial de Granada e assim direciona perspectivas interpretativas da sua criação artística com as condições (i)materiais que o envolvia. Na presente análise, Oliveira (in)diretamente corrobora com Moretti² ao deixar transparecer que o que ocorre no fazer literário depende muito do “onde aconteceu”. Entrementes, como a própria autora expõe: “O aparecimento de Lorca é a convergência de uma circunstância que transcende o seu tempo e a sua geografia” (OLIVEIRA, p. 47).

¹ BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. Pgs.; 17 – 77.

² MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800 – 1900**. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

Já com Oswaldo Bueno Amorim Filho, em: **Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne**, o leitor poderá apreender que o diálogo da geografia com a literatura pode ter como referência os relatos de viagens (narrações orais, relatórios escritos, diários, croquis e outros desenhos, fotografias etc.); lembrando que as mesmas, desde a Grécia Antiga, foram e são utilizadas como referências de apreensão/representação das condições que determinadas espacialidades se (re)produzia. Em Júlio Verne, percebe-se forte relação com pensadores geográficos, que dentre estes, destacam-se: Humboldt, Reclus, Ritter etc. A utilização do diálogo com estes pensadores justifica-se pela “vontade” de respaldar seu discurso literário com os conceitos e terminologias em voga. Em Amorim Filho (p. 90) se lê: “Para que a geografia não seja algo acessório em seus romances, Júlio Verne utiliza, com segurança e domínio, uma vasta terminologia geográfica e aplica”. Conquanto, o fato de utilização de determinadas terminologias “geográficas” não pode descredenciá-lo em seu se fazer literário.

Com Wenceslao Machado de Oliveira Júnior, no texto **Rumo às entranhas – um percurso pelo rio até o coração da treva**, o pesquisador pincela o discursar não só sobre a linguagem literária, aponta, também, perspectivas analíticas para análises de obras cinematográficas – o autor tece referência analítica ao romance *O coração da treva*, de Joseph Conrad, publicado em 1902, relacionando-o com o filme *Apocalypse Now*, de Coppola. O romance inspirou o filme, desta feita, percebe-se, mesmo tendo modificado as espacialidades (do livro tem a reflexão sobre a colonização britânica na África e o filme uma nova colonização: a americana através da Guerra do Vietnã), que ambos procuram compreender o “percurso” do homem em busca do sentido da sua própria existência. Mas quem faz o percurso? “Quem faz o percurso é um homem, densamente povoado por todos nós” (OLIVEIRA JÚNIOR, p. 107). Vislumbra-se que não é mais o lugar em sua materialidade que importa e sim a espacialidade inventada/construída/produzida no interior do sujeito que viaja.

Na parte II, repisando o sertão, encontrar-se-á dois artigos que versam sobre o como o sertão é “apropriado”/”vivido” e transposto para a linguagem literária. Com o Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, em **O Real e o mítico na paisagem do Grande Sertão**, o leitor poderá ver o quanto a escrita de Guimarães Rosa contribui para o entendimento de parcela dos processos espaciais desenrolados na espacialidade

“sertão”. Ora Monteiro ressalta as condições materiais que circundavam o viver das pessoas que habitam o sertão, e este dado em suas condições regionais (políticas, econômicas, culturais etc.), tal qual o momento em que: “Riobaldo toma consciência das diferenças entre senhor, servo e da própria condição de jagunço” (MONTEIRO, p. 134); ora destaca os aspectos míticos, culturais, que dotam de significados o movimentar/pensar do sertanejo, estes circunscrito aos diversos sertões, pois - intimamente na relação homem – natureza - : “O Sertão está em toda a Parte” (ROSA, *Apud.* MONTEIRO, p. 127).

O segundo texto sobre o sertão é de autoria da Maria Geralda de Almeida, **Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré**. Almeida analisa a literatura do cearense Antonio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), destacando a relação estabelecida entre os lugares; a geografia vivida e o seu transpor em versos as angústias, as alegrias, as tristezas etc. de viver no/com o sertão. Uma geografia que se “faz” através do seu cantar: “Só sei cantá minhas mágua e as mágua de meus irmão” (PATATIVA DO ASSARÉ, *Apud.* ALMEIDA, p. 160). O literato analisado não era afeiçoado à política, mas era dado a sensibilidade de se localizar, de se orientar em “teu” mundo. Um mundo que não o agrada, principalmente o tocante a situação de contínua espoliação que os camponeses, seus iguais, sofriam (ver, em Almeida, respectivamente nas páginas 160 e 162, “Apelo de um agricultor” e “Eu quero”).

A parte III, territorialidades e espacialidades, contém três textos que permitem o pensar partes da territorialidade amazônica, de lugar nenhum(?), e da identidade nacional brasileira. O primeiro dos capítulos é de autoria da Ideni Terezinha Antonello, **As territorialidades amazônicas reluzem na narrativa literária de Peregrino Júnior**. Antonello versa sobre o processo de identificação territorial que Peregrino Júnior, em sua literatura, permite acionar em sua diversidade. A autora destaca que: “[...] a territorialidade é fruto desse entrelaçamento – dominação – apropriação, mesclado das dimensões política, econômica e cultural” (ANTONELLO, p. 174). Ao ter como assertiva este argumento, a autora se desdobra em evidenciar as diferentes territorialidades que se (re)produziam na Amazônia, muitas destas, devido a um projeto moderno a se realizar, subjugadas enquanto “inferior”; vide exemplo a situação dos indígenas: “Aquelas terras pertenciam aos índios. O patrão – o chefe da

firma aviadora César Costa & Cia. – homem ruim como cobra, tocou os índios pra fora a tiro de rifle, queimou-lhes as malocas [...]” (PEREGRINO JÚNIOR, Apud. ANTONELLO, p. 178).

O segundo texto é de autoria da Maria Lúcia de Amorim Soares, intitulado enquanto interrogação: **O que é uma geografia de lugar nenhum?** A autora procura evidenciar a condição da existência frente a um momento de (re)arranjos técnicos, científicos e informacionais em que o ser/indivíduo como a coletividade experimentam. Nesse sentido, introduz o romance *Hotel Atlântico* (1986), do literato João Gilberto Noll, como uma possível fonte interpretativa do ser/coletivo frente a: “[...] um mundo onde hoje, no lugar de identidades fixas, registradas em nomes e documentos, restam apenas manchas, resíduos, nódoas, pegadas, vestígios” (SOARES, p. 204). A geografia dos não-lugares, como destacado pela autora, através da interpretação do pensar de Georges Benko, atrela-se a condição de meros passantes que boa parcela da sociedade vivencia, ou seja, (re)produzem/inventam suas vidas de forma mecânica: “[...] reduzindo os indivíduos ao status de operadores” (BENKO, Apud. SOARES, p. 203).

Encerando a terceira parte, tem-se o texto de Antonio Carlos Vitte e do Giuliano Coutinho, **Macunaíma: natureza e formação territorial na constituição da identidade nacional brasileira**. O romance de Mário de Andrade, publicada em 1928, como o título: *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*, segundo os autores: “[...] Foi também resultado de um estudo profundo sobre os mitos, as lendas e o folclore de várias regiões brasileiras” (VITTE e COUTINHO, p. 223). Uma tentativa de pensar a constituição de uma identidade brasileira a partir dos elementos (cultural, econômico, político, físico etc.) circunscritos ao território nacional; desta feita, o sertanejo, o indígena e o caboclo “são convidados” a participarem da constituição do Estado-Nação Brasil. Esta perspectiva torna-se de importância porque buscou integrar estes citados a uma produção identitária tematizada pelo respaldo da oligarquia cafeeira, do empresariado industrial - em ascensão, do operariado urbano e de parcela da intelectualidade (VITTE e COUTINHO, p. 207).

A última parte do livro, denominada *As Tramas da Cidade*, é composta por quatro capítulos. O primeiro - **O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de “A rosa do povo”**, foi escrito por Júlio Cesar Suzuki. A *rosa do Povo* (livro de poemas), de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1945,

nas interpretações de Suzuki, permite visualizar a relação do poeta com a cidade. O contexto de publicação da escrita foi envolta no fim da Segunda Guerra Mundial, momento este: “[...] portanto de descrença muito forte, mas, também, de reconstrução da utopia” (SUZUKI, p. 247). Evidencia, através dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, que não é possível viver num tempo experimentado por inteiro, consecutivamente a espacialidade por inteira: “No quarto de hotel / a mala se abre: o tempo / dá-se em fragmentos” (ANDRADE, Apud. SUZUKI, p. 254). Desta feita, aponta que a modernidade esfacelou o indivíduo, a família tornou-se nuclear, algumas tradições foram metamorfoseadas em ritmos distintos, outras construídas, e outras destruídas. Entrementes: “[...] Não estou vazio, / não estou sozinho, / pois anda comigo / algo indescritível.” (ANDRADE, Apud. SUZUKI, p. 252).

O texto **O realismo mágico de Italo Calvino e a cidade**, de Janaina A. M. Silva Marandola ., evidencia a literatura: “[...] de denúncia a situação socioeconômica vivida pela Itália em meados do século XX” (MARANDOLA, p. 262). Para arquitetar a tessitura discursiva, os autores não realizam uma análise específica de obra por obra do literato estudado, e sim elaboram quatro temáticas que permitem visualizar aspectos da cidade em Italo Calvino; são eles: I Paisagem e ambiência urbanas, II Espaço e lugar na cidade, III A cidade industrial e a produção do espaço, IV Ambiente, natureza e a cidade contemporânea. Os pesquisadores/leitores chamam a atenção que os processos analisados nos romances de Italo Calvino permitem não só pensar a Itália do pós-guerra, pois Italo Calvino fala da cidade, esta enquanto elemento simbólico e material da condição humana, em suas inúmeras possibilidades, de (re)produção da vida (MARANDOLA, pgs. 291 e 292).

Com Lúcia Helena Batista Gratão, em **Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina**, perceber-se-á que a produção de Cora Coralina liga-se com a cidade vivida de Goiás, lugar que movimenta e “atribui” sentido a escrita da poetisa. Locais de tantos becos: do Cisco, do cotovelo, do seminário, da escola, da cachoeira grande, da Vila Rica, enfim, becos: “[...] Românticos, pecaminosos... / Têm poesia e têm drama” (CORALINA, Apud. GRATÃO, pgs. 319 e 320). A cidade, em Cora Coralina, segundo Gratão (p. 325): “[...] “é, também, lugar de contemplarmos a vida!”. Contemplação, em partes, vista da janela da Casa Velha da Ponte, onde a doceira poetisa via o correr do Rio Vermelho, enxergava a Serra Dourada

e as pessoas “passarem”. Uma cidade: “[...] feita de gente, sobretudo de gente simples e marginalizada” (GRATÃO, p. 303).

O último texto, **Tempo e espaço cotidiano – crônicas de um tecido inacabado**, de Eduardo Marandola Jr., tenta evidenciar a possibilidade de se pensar o espaço e o tempo, nos estudos geográficos, a partir das crônicas. Para tal empreitada, destaca o seu “vício” em Luís Fernando Veríssimo. A crônica, segundo Marandola Jr. (p. 332), na contemporaneidade, atrela-se a modernidade urbana impressa nos jornais e pode ter sua origem, interpretando o pensar de Machado de Assis, com alguma trivialidade cotidiana. O fato narrado na crônica torna-se “secundarizado”, pois o interesse é a reflexão suscitada (MARANDOLA Jr., p. 333). Com Veríssimo tem-se a comicidade como possibilitadora da crítica do pensar a cidade: “[...] o cômico, ao invés de se realizar na alienação, torna-se exatamente o contrário: ele é libertador, e o riso brota da atitude crítica que desperta” (MARANDOLA Jr., p. 339). Por fim, destaca que como as crônicas são feitas em fragmentos, o pensar a cidade deve acompanhar a mesma, pois a cidade é sempre produto/invenção/construção inacabada e que, por isso, deve: “[...] ser escrita aos poucos” (MARANDOLA Jr., p. 345).

Acreditamos que com a resenha é possível que o leitor tenha a clareza de que o diálogo da geografia com a literatura apresenta-se polissêmico; uma relação que se (re)faz dentro dos limites e intencionalidades do pesquisador/leitor que se propõe a tal investida analítica. Percebe-se que a interpretação independe do gênero ou do fato literário analisado. A construção literária pode ter a sua razão de ser respaldada num caso “singelo” de acontecer amoroso hodierno - tessituras inventariadas devido o “encontro” com a “moça”³ de “olhos de jabuticaba”; é o geógrafo que terá que se instrumentalizar para conseguir estabelecer a contextualização e o entendimento para além/aquém o encontro de “amor”.

As atitudes das personagens, as vestimentas descritas como os móveis e a sua disposição em cena etc. podem dizer muito (em seu silêncio ou não...) sobre determinado tempo e espaço; estes apreendidos como ressignificados pelo leitor, no caso o geógrafo. Este, geógrafo, é o operante dos conceitos geográficos em prol de um

³ “[...] De tez pálida e quente, a mágica morena / Tem no seu colo um ar nobremente requintado; / Vai como a caçadora e é imponente e serena, / Seu sorriso é tranqüilo e seu olhar ousado [...]” (BAUDELAIRE, 2010, p. 77). BAUDELAIRE, Charles. A uma Dama crioula. In: _____. **As flores do mal**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2010.

“verdadeiro” diálogo de enriquecimento do (se) pensar (no) o mundo. É de interesse romper monólogos discursivos interpretativos, em que o discurso geográfico apenas “invente” maneiras de enriquecimento estético literário, ou seja, a literatura utilizada apenas como busca/invenção/construção do “belo” discursivo, isto, por si só, já soa como vazio e sem sentido para o entendimento das formas de imaginações (político, econômico, cultural, ideológico, filosófico etc.) espaciais e temporais.

Recebido para publicação em dezembro de 2011.

Aprovado para publicação em janeiro de 2012.